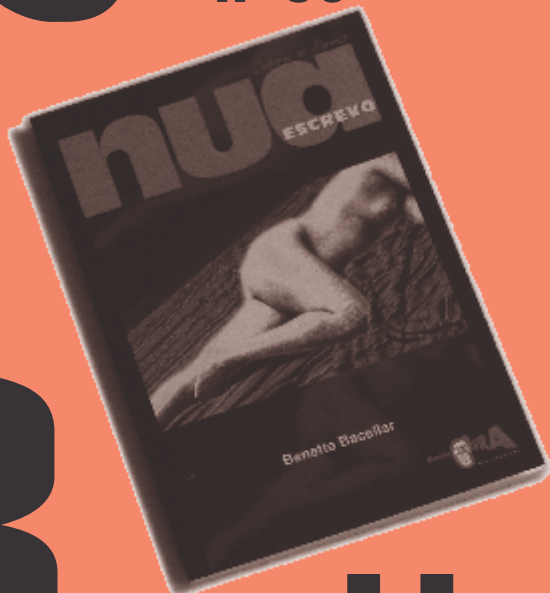


Gente de PALAVRA

r e v i s t a n° 30

**NOVO
LANÇAMENTO
DA COLEÇÃO
CADERNO DE
POEMAS**



B Benette Bacellar

**A ESCRITA
DESNUDADA**

Adélia Einsfeldt Adriano Nunes Ana Angélica Bruni Antonio Sodré Benette Bacellar Berenice Sica
Lamas Carhel Gonsil CFBB Conceição Hyppolito Edison Gil Felipe Magnus Francisco Castro
Gerson Nagel Guilherme Ferreira Aniceto Henry Rios Ivo Pereira Jacqueline O. da Conceição João
Pedro Lioffi Jorge Ventura Juli Bauer Karline Batista Kika Cardarelli Lily Ribeiro Lucian Araujo
Magda Duarte Marcelo Rusthell Marcio Castro Maria Da Glória Jesus De Oliveira Mauricio Goldani Lima
Neyd Montingelli Nijair Araújo Pinto Noely Luft Osvaldo Heinze Pâmela Melo Ramon Samurio D'
Vargas Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri Silvana F. Pereira Tales Jaloretto Tchello d'Barros



“Nua Escrevo”, de Benette Bacellar, é o sétimo volume da “Coleção Caderno de Poemas” a ser lançado. O projeto (contemplado com o financiamento do Fundo Municipal de Produção Artística e Cultural de Porto Alegre –FUMPROARTE) está publicando a poesia que é escrita HOJE, que está viva, e não só isso. Esses livros serão também distribuídos em escolas de EJA (Ensino de Jovens Adultos) da cidade, em eventos com os poetas participantes.

Benette está presente desde o primeiro número da Revista Gente de Palavra, desde nosso primeiro sarau. Seus poemas sempre chamam a atenção: são verdadeiros, são eróticos, são libertários, são afirmativos são sempre, acima de tudo, femininos. Benette se despe quando escreve e, tirando as próprias máscaras, desmascara também o preconceito e a opressão, mas sem nenhuma amargura. Mesmo na denúncia é doce. Sempre que é erótica, é inteira, assumida. Em tudo que escreve, Benette Bacellar é Gente de Palavra.

RMM

vive na ostra
em fuga
com cardumes

dane-se a paixão
veneno misturado
ao vinho

qualquer descuido
vulcão inusitado
céu com labaredas

ela no inferno
língua de fogo
ataduras de sedas

tudo que toca
incendeia

Benette
Bacellar

Quando Lucas matou Gabriel

Devore minhas asas
e veja-me cair ao chão
Os homens não voam
isso é apenas uma linda ilusão

Deixe o diabo
puxar-me a si
E prometer-me a dor
que de você tirou

Nas frias tempestades
existirá sempre um pouco de mim
Nas cinzas estrelas
o meu brilho morrerá (só ao fim)

Foi a sua imaginação
que acertou meu coração
Cachoeiras de sangue
em seus girassóis

Veja-me cantar a alegria
que tanto faltou nesses dias
E ser o centro
de todo o seu amor

A cura faz parte da culpa
inalada por dias que não voltarão
O cuidado são anjos
que um dia me matarão
(por terem razão)

Ramon Samurio D' Vargas
eliana_samurio@hotmail.com



Andar

Andar por aí
Sem tempo de pensar
Sem ter pensamento no andar

Andar por aí
Depois do vendaval
Depois de dançar o carnaval

Andar por aí
Fazendo amigos
Fazendo despertar os sentidos

Andar por aí
Tentando ensinar
Tentando aprender com o caminhar

Andar por aí
E ainda assim
Tentar fazer o certo até o fim

Silvana F. Pereira

Para vias múltiplas

Se eu soubesse de antemão
como seria o declínio do porvir,
eu jogaria meus versos sem dó
na frente de um ventilador.

A quem ousaria contar
meus enredos perdidos,
minhas sinas de outrora,
meus olhares detidos,
meus caminhos que foram?

Eu diria tudo a você
que me lê agora,
mas peço apenas uma coisa:
não me traduza,
pois a poesia é uma ponte
que se abre
para vias múltiplas.

Magda Duarte
magdaduartejf21@gmail.com

A mosca

Esparramada sob a superfície fria
De uma lajota, a mosca fica à espreita
Pedindo bênçãos, beija a mão direita
De um cadáver que ali jazia

Estatelada sob a luz do luar, se ajeita
Sob as entranhas que, enjoado, eu via
E o meu estômago se retorcia
Por presenciar essa desgraça feita

Impregnada pelo fedor dos fluidos
A desgraçada canta aos meus ouvidos
A serenata d'uma motosserra

E, cambaleando, esta mosca imunda
Acompanhou o morto até a sua tumba
E deixou seus filhos debaixo da terra!

Henry Rios

Canto da perseverança

Se podes desenhar no céu
Como se sua língua arranhasse as nuvens
Fazendo-as desaguar
Furioso é seu sopro diante da vida
Tu és poesia furiosa
Algumas vezes calma das águas
Que modelam as pedras das grutas dos eus
Tu és gota de esperança pontilhando, relampejando

A sua fala tênue faz-me imaginar que amar é caminhar
Entre colinas com aroma de saudade
Em ti respiro os versos que saem pela boca
Esses que me fazem dançar em volta de redemoinhos
Fazendo-me ter coragem de saltar de um penhasco
Apenas para esticar o medo
E ver como ele se perde na coragem da morte

Enquanto encontro em suas mãos muralha de proteção
Minhas angústias se renderão à apatia do isolamento

Ana Angélica Bruni
anangelica37@outlook.com

Passagem

o que passa
pelo tempo

o que passa
pela pele

o que passa
impressiona

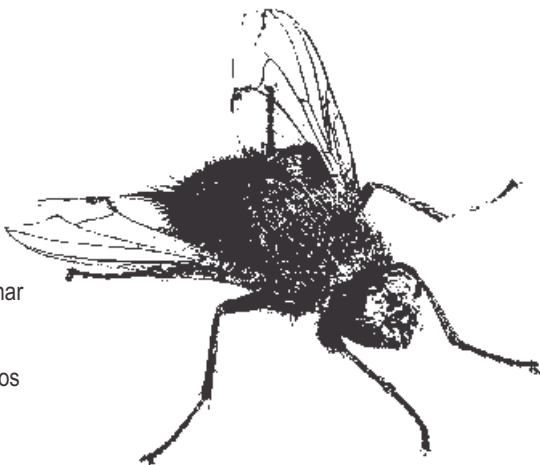
o que se vive
imprime
traça

marcas
sulcos
rasga
talha
sangra
esvai ou estanca

o que vira
cicatriz

marca
permanece
(não passa)

Renato de Mattos Motta
Porto Alegre, 19/02/2015





Anta-logia cibernética: sobre como eu não sei fazer poesia.

Repinicando

Não foi um beijo roubado
Foi um beijo distraído
Que ainda canta em si
Na boca do meu ouvido

Maria da Glória Jesus de Oliveira

Espelho

pensava ser eu
pra sondar-me tático
pra soltar-me todo
pra sonhar-me tanto
pra entregar-me a tudo
pra enxergar-me o tal

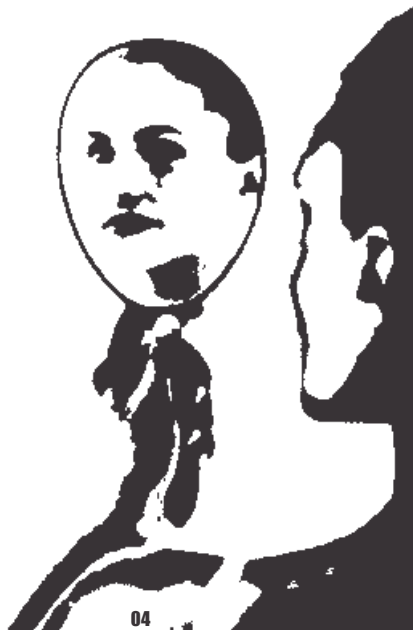
mesmo meio tonto
mesmo meio tenso
mesmo meio tímido
mesmo meio terso
mesmo muito tátil
para só ser eu.

Adriano Nunes

In: Laringes de Grafite. Porto Alegre: Vidrágua, 2012.

I -Sobre cores e raças:
Cinzas tardes, branco.
Vermelhos sóis, preto.
Pretos rios, vermelho.
Azuis sismos, amarelo.
Cinzas fardas, verde.
Brancos capuzes, arco-íris.
II -Amor, infame; Calor *ênxame*;
Se for, me chame; se nua, me ame.
Amor que ressoa, sua!
Que soa, assua, assoa.
Ressoa palavra:
Juntada, rimada, molhada, mimada.
Me mima, te mimo, te amo.
III - Entre criador e criaturas
Entre, criatura.
Cria dura!
C(q)ue ardor te criar.
Se ri, criatura;
Só eu te curo:
da ira do Criador;
do treme da cintura.
Não grato, crasso?
-No, atura!
-Então cria a tua!

Tales Jaloretto
talopo@uol.com.br



Laranja

Antes o ar, ciano, era fresco e puro.
Não queimava!

A água corria azul,
jorrava anil,
cascata branca.

Do marrom, brotavam o amarelo e o vermelho.

Vieram, insanos,
o vento ocre,
a luz vermelha:
intensos!

E assim ficamos:
Azuis!

Desde o dia em que o verde
sumiu da Terra.

Carhel Gonsil
carloshelvecio1970@hotmail.com

Entanto

porquanto a vida é encanto
se fica após o pranto
acalanto brando da existência

solução morrer não é
à vida que intervalo é
e vale, vale, vale...

mesmo em lágrimas e demência

Juli Bauer

Cicatriz

Quando perto e não te olho, sim, eu sinto.
Quando longe e nem me importo, sim, eu sinto.
E se eu te evito é porque, ainda, sinto.
E dói!

Dói porque a linha que nos separa
foi toda tecida com mágoas fajutas.
Mesmo assim é somente em meus delírios
que espanco o orgulho e por ti vou à luta.

Dói porque sei que a briga que não tivemos
poderia ter rendido ganhos espetaculares,
mas, se hoje subíssemos em um ringue,
nosso golpe fatal seria o desvio de olhares.

Dói quando vejo tuas lesões como troféu
e me assusto ao notar
o que estou me tornando.

Dói quando te julgo por aí como réu
enquanto rememoro as sequelas
que também fui causando.

Dói quando imagino os anos passando;
lembranças tão vivas, arrependimento.
Dói porque o que é nosso morre aos poucos
e eu poderia evitar,
mas ainda estou me erguendo.

Lily Ribeiro
liliangamino.r@gmail.com



o sol cospe espessa palavra
o jato adentra, escorre
em minhas frestas, diâmetro
derrama em terra
uma festa a toda pressa

seus lábios sulco em lenta
pressão

o ato sensual se torna linguagem
para além da encorpada saliva

Berenice Sica Lamas
berenicelamas@gmail.com

não sei a língua dos cães
nem o jogo dos ratos

não suporto selvagens
nem aceito crocodilagem

não me assemelho
a quem fala
cobras e lagartos

nada sou senão bicho

Jorge Ventura



Versejar é preciso

Por todos os que não sabem onde deixaram o sorriso,
versejar é preciso.

Por todos aqueles que desejam conhecer o paraíso,
versejar é preciso.

Por todos os que perdem precocemente o siso,
versejar é preciso.

Por todos aqueles que caem sem terem recebido aviso,
versejar é preciso.

Guilherme Ferreira Aniceto
guilhermefaniceto@gmail.com

Flores ocultas

Quando a luz iluminar a terra
que habita o coração
eu direi adeus ao lampião
e às velhas velas
que residem nesse chão
e desviarei dos itens
que administram a escuridão
para contemplar as flores
que não estão nessa estação.

Edison Gil
edison7.gil@gmail.com

Partida

Foste como chegaste,
rápida e rasteira partida.
Perdurando a árdua ferida,
a que pensei que tu curaste.

Abriu-me a devassa vida...
Foste como chegaste,
lenta como a morte oprimida
aos olhos que outrora desejava.

Demasiados beijos sem medida
que em minha boca em tu chocaste
ficou impressa a dolorosa ida.

Que severamente a mim empunhaste
a intensa dor deveras é sentida
pela rápida e traiçoeira partida.

Marcio Castro
mcastro2@hotmail.com

Vou te amar sempre

vou te amar sempre
mesmo que a noite se alongue
num espesso nevoeiro

saberás sempre de mim
pois jamais me esquecerei de ti
mesmo que o tempo se dilua no vento

sinto-te em corpo e em silêncio
quando tato o teu olfato
na tua breve e frágil nudez

o aroma da tua pele
tece encantos aos meus sentidos
que são crentes
e que os resguardam nos labirínticos
cantos da alma

vou te amar sempre
mesmo que a noite se alongue
e saberás sempre de mim
às primeiras horas da manhã

CFBB

Lua cheia

Enluar-se à rua já não é permitido,
as estrelas findam-se em flashes na TV
amiúdes no céu da boca.

Mas há os que se arriscam,
os que na urbe experimentam
sóbrias, concretas anarquias.

Porque entre os olhos, sedimentou-se
invisível matéria que compõe real universo
e lacrimeja feliz num doce espanto.

E ninguém poderá dizer
que os aluados não foram mais felizes
quando ao redor, no célere movimento,
mudaram a rota para o horizonte.

Antonio Sodré
antoniosodre@gmail.com



Amor gatuno

Por inúmeras vezes
Deixei a porta aberta
Mas questão você fez
De saltar a janela.

E o que se esperar
De um bom e velho ladrão?
Não quer nunca inovar
Prefere seguir a tradição.

Pâmela Melo

<https://m.facebook.com/pamela.freiremelo>

Cor com tom

cor
de
mel
o
tom
de
tua
tez
e
só
me
faz
bem
te
ver
mais
uma
vez

No calor do teu colo
me calo

Mauricio Goldani Lima

mauriciogoldani@yahoo.com.br

A escuridão do silêncio

está claro
para o poeta que a escuridão existe
além da poesia
do papel em branco
da mente vazia
nos versos embaçados
das ideias embaralhadas
das rimas impertinentes
de um poema sem fim

viver com a escuridão
no vazio do silêncio
não deve ser fácil
para um poeta
que precisa da luz
do ser
natural
da vida
planeja roubar a luz néon
dos vaga-lumes
para iluminar a cegueira
do poeta sem luz nos olhos.

Ivo Pereira

ivopereiras@gmail.com

Tchello d'Barros
tchellodbarros@gmail.com



SE FOR
A MAR
te
bem sei que não tem volta...

Conceição Hyppolito

Desassossego

Palavras frases
linha após linha
se entrelaçam

lapidadas
iluminam
denso breu

Noely Luft
noelyluft@gmail.com

Reprise

O Repórter Esso informa:
é a reprise da História
depois da Inquisição
(o Holocausto Cristão)
o moderno império
chama-se corporação

Grita a escória Telejornal
"O Islã é o novo vilão!"
dando ao ianque poder policial

esta vanglória predatória
é a reprise da História
rumo à nova Cruzada mundial

Felipe Magnus
felipemagnus.com

A minha paz

O sol se abriu esta manhã, dando-me bom dia.
Os pássaros cantam ao meu redor as lindas melodias.
Um córrego passa pela ponte em límpidas águas.
As crianças brincam e correm.
Mesa farta, abrigo, dinheiro no banco.
Por que estou em desassossego?
Minha vida tem tranquilidade.
E os outros que estão em guerras, em sofrimento?
Como posso ter a minha paz e esquecer o mundo?
Egoísmo a ponto de bradar: eu estou bem!
Nada vale se um irmão precisa de auxílio.
Devo ajudar, eu posso contribuir para a paz.
Para amenizar o sofrimento de um igual.

Neyd Montingelli
www.neydmontingelli.com.br



Inconstância feminina

hoje sou tua
Lilith
audaz
silvestre
indubitavelmente
felina

amanhã, talvez
eu seja tua Eva
cor de "rosas"
debaixo dos panos
de fino linho
amavelmente
menina

Kika Cardarelli
kika.cardarelli@yahoo.com.br

A borboleta e a sombra

Não ter que fazer da vida
é filosofar na borboleta colorida
voando num dia ensolarado
enquanto sua sombra esquecida
se arrasta no cimentado
talvez tentando reviver
o tempo de lagarta, passado!...
Ora, que bobagem a minha!
Borboletas não contam dias.
E suas sombras então?!
Nem imaginam quê são...
Se sequer um dia voarão...

Oswaldo Heinze
o.heinze@hotmail.com



Pretume de mulher

Sou preta, sou mulher
Sou este pretume que tanto vês
Pétala de uma rosa negra
Cheiro de óleo de coco
Emanando o ar
Maciez do mel de abelha

Corpo desenhado por Olorum
Sabedoria dada por Ôbà
Mãos que enfeitam de Nanã
E beleza herdada de Ewa

Pretume de mulher sou eu
Cicatrices de um tempo que não se escondem
Resistência do cotidiano
A mãe que desce as velas da favela
E encara as faxinas nas casas dos patrões

Deusa africana sou
Rodeada de contrastes, lágrimas e sorrisos.
Fertilizo o solo do mundo
Dou vida para a vida
Recebo em troca migalhas do que sempre restou

E ainda assim serei sempre
Mulher e pretume.

Jacqueline O. da Conceição



Bebedeiras

Faço de minhas bebedeiras infernais,
a minha poesia.
De minhas ressacas, a minha persistência;
e de minha dor, a minha existência.

Lucian Araujo
lucianvieiradearaujo@hotmail.com

Pierrô

Esperar. Esperança...
Ei, espere!
Não adianta esperar.
Os exemplos são milhares:
Teu ex-amor, onde estará?
Estou ansioso, esperando.
Ele não vem me visitar...
Tudo bem, paciência!

Hoje é domingo, é carnaval.
Enquanto pulam, lá fora,
escuto, aqui de dentro,
a folia dos transeuntes.
Aguardarei a quarta-feira.
De cinzas?
Não, qualquer uma.
Para a ausência,
o tom da melodia se reveste,
sempre, de desesperança.

Às vezes, o silêncio tem som de adeus.
Buscamos tanto...
E nos perdemos num dia de domingo,
em pleno carnaval.
E o que era amor, vira cinzas.

Nijair Araújo Pinto
nijair@hotmail.com

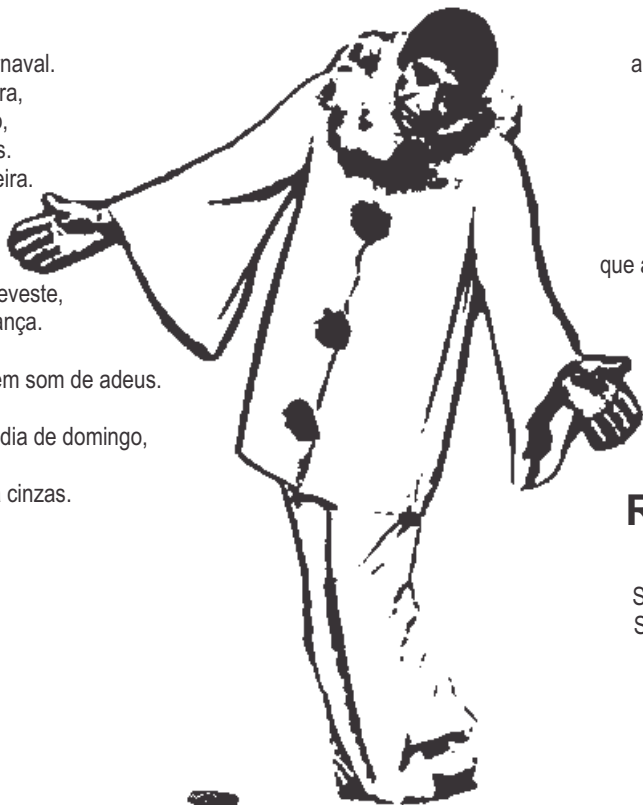
Essência

Buscar a essência
que existe
dentro de nós

vai contra
a distância

na ânsia de
trazer
a palavra bem (dita).

Adélia Einsfeldt



Acorde final

a dor em mim
se oculta

esgueira-se
sorradeira

por entre os vãos
da memória

angústia de ver-me
virtual verme

frente a frente
com o inevitável

inabitável morada
que a todos se destina

com ou sem
consentimento.

Ricardo Mainieri

Riso rum

Se passo em festa.
Se passo em falso.
Tudo é antídoto.
Tudo é veneno.
Teu riso é rum
De fruta amarga
Que me embriaga
Algoz sereno.

O medo já mora ao lado
Do meu lado de dentro.
Já não choro. Já não desmaio.
Tudo é torto, tédio e tenso.

E em surdina vivo
A sobrevida do tempo.
Carrego as malas.
Teu riso vem e se declara
Medonho, lírico e bento.

Karline Batista

Pseudociese

quando eu escrever, enfim,
todos os poemas que eu não fiz,
algum que sumiu de vista,
outro que errou de pista,
aquele que perdeu a graça,
que negou o fogo e virou fumaça;

quando eu escrever, enfim,
todos os poemas que eu não fiz
por um traço, por um triz,

será que serei feliz?

João Pedro Liossi

Ontem

Concreto,
o prédio, forte, sobe.
Com credo
o povo, cego, sofre.
Decreto
que só haja o certo
e não mais mentiras
entre os homens.

Completo
o que falta
com o que me era farto
ontem.
Contemplo
de perto
o que sempre quis
distante.

Converso,
antes contigo,
mas tão sozinho
hoje.
Com versos
interrogo:
"Com o que era amor,
o que houve?"

Marcelo Rusthell

Dolorosa hora

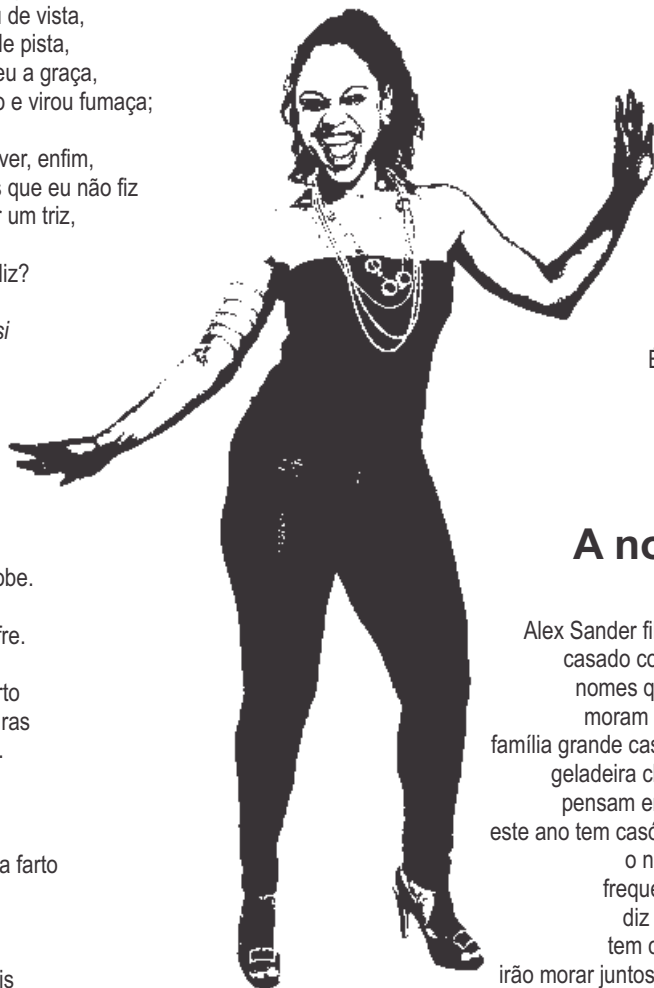
É chegada a hora
de encaixotar coisas,
partir, ir embora.

É doído esse agora
e cada objeto,
que não é só meu,

faz parte da ida.
Do que se perdeu,
e do que já morreu.

É coisa doída,
foi aposta de vida.
É uma aposta perdida.

Francisco Castro



A nova classe

Alex Sander filho de Wyctor Setubal
casado com Wanisséia da Silva
nomes quase impronunciáveis
moram na vila das Dores s/nº
família grande casa própria e tela plana
geladeira cheia comida em potes
pensam em trocar de carro mas
este ano tem casório da filha mais nova
o noivo é semianalfabeto
frequenta o clube do centro
diz é craque bom de bola
tem corte tipo neymarrento
irão morar juntos no quarto dos fundos
só não se mudaram porque a casa ruiu
na ribanceira os gastos da festa serão divididos
entre a bolsa família e outros parcos recursos
com muito esforço a véia paga o enxoval
são felizes porque cresceram na mesma rua
onde sentem o cheiro do valão a céu aberto
desde pequenos pedem desculpas
por pisar nos calos da sociedade
hoje batem papo na rede social e
sonham um dia viajar na classe social

Gerson Nagel



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
revisão: Marcia C. Baranski e Michelle Hernandes
Redação, projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Diego Petrarca, Erivoneide Barros e Paulo Roberto do Carmo
Conselheira especial para Língua Espanhola: Lota Moncada

Porto Alegre, março de 2015.